

Perspectiva inversa

Até que ponto se pode falar em "perspectiva inversa" em relação à audição.

Perspectiva inversa organiza o espaço não a partir do ponto de vista do espectador, mas do ponto de vista daquilo que é representado.

Gestalt no centro:

Nem o compositor, nem o "ouvinte ideal" constituem o ponto de referência para o perceptível, mas, em vez disso, "um" ouvinte, qualquer ouvinte, mesmo o ouvinte desatento. Não que o *perceptível* seja constituído em um processo formal, mas que o que é *percebido* cria um espaço da audição. O centro desse espaço é cada um e todo ouvinte situado(a) no respectivo lugar físico em que ele(a) se encontra na sala, e no respectivo lugar mental em que ele(a) se encontram no pensamento.

"Somente vistas desde a perspectiva da Gestalt é que linhas são aproximadamente 'corretas'" (Hans Holländer). É apenas a partir da perspectiva do representado que o espaço ao redor pode ser compreendido. Tudo está orientado a ele. O representado não é mais um objeto observável, em vez disso, é o único mediador do lugar em sua completude. Creio que seria possível dizer que, numa música de perspectiva inversa, este "representado" conduz a uma identificação com o ouvinte individual: precisamente PORQUE aqui não se pode falar em "representado". Falta ao som um "aquilo que é representado". Em seu lugar, um espaço é deixado aberto como em um espelho. Som, música, tornam-se um retrato dos indivíduos que lhes percebem.

"Vistas desde a perspectiva da Gestalt as linhas são aproximadamente corretas". Uma aproximação, então. Um processo, um procedimento.

Aproximação.

A aproximação como um processo que só pode realizar-se quando a música, o som ele mesmo é tudo, mas sobretudo: o Som é que nos ouve, que nos escrutiniza. No momento e apenas no momento em que o som ele mesmo está absolutamente "atento", ele pode nos

colher, a nós os desatentos, nós em movimento, apenas então ele pode nos "retratar".

(Logo, a atenção não é mais uma exigência posta sobre o ouvinte. Ela conta como uma estipulação apenas para a música ela mesma. A atenção do ouvinte é até mesmo um obstáculo, uma obstrução. Aquilo sobre o que alguém poderia dirigir sua atenção seria demasiado fixo, demasiado contido. A desatenção implica uma deriva aberta e ilimitada. E apenas isto pode conduzir a "o encontro", com aquilo que não poderia ser estabelecido a priori).

(P.A. 1995. Traduzido por Henrique Souza Lima)